

Diário de Pedro Nascimento

Entusiasmo, envolvimento, preocupação e alegria são sentimentos que Pedro Nascimento, coordenador e professor de Acrobacias de Solo no Chapitô, leva para casa, não conseguindo considerar aquilo que faz na escola apenas como “trabalho” que fica na secretária para o dia seguinte.

Fotografias de Pedro Aperta



26 de Setembro de 2008

Lá estava eu ao fundo da sala

São 9 horas da manhã quando o despertador toca. Ainda com os horários trocados pela estada em Inglaterra, onde estive a realizar um estágio de *tumbling*, levanto-me rapidamente, com a excitação de começar este novo ciclo da minha vida. No meu passo apressado,

faço-me ao caminho que, em breve, passará à rotina do dia-a-dia: estação de comboios da Amadora em direcção ao Rossio e, depois, uma bela caminhada matinal, passando pela Praça D. Pedro IV e pela Praça da Figueira, antes de subir as íngremes

vielas que me levam à Rua da Costa do Castelo, morada desta casa tão conhecida de Lisboa pelos seus espectáculos e pela sua arte, o Chapitô.

Não faz uma semana que tinha estado reunido com Teresa Ricou, mentora desta instituição e directora da Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo, que me desafiou a fazer parte deste projecto, a conhecer a arte circense e a compreender o seu valor pedagógico, social e cultural. À minha chegada, grande alvoroço já se havia instalado na espaçosa esplanada, num misto de vozes a tentarem fazer-se ouvir, abraços e beijos de reencontro, entre objectos a voar, como que animados a cada toque pelas mãos dos seus manipuladores. A sensação de estar num local estranho instalou-se e um frenesim fez disparar o meu coração ao ouvir chamar todos para se reunirem na grande tenda metálica e dar início à abertura deste novo ano escolar.

E lá estava eu, sentado num banco bem no fundo da sala por detrás dos outros professores, enfrentando os alunos, cada um com uma identidade muito própria, pela sua forma de vestir, estar e interagir com os colegas do lado. Que novo mundo este e que sensação esta de ser o seu descobridor e ter de desbravar terras desconhecidas! O circo é, sem dúvida, essa terra fértil com tanto por explorar.

15 de Dezembro de 2008

Prendas, sorrisos e beijos

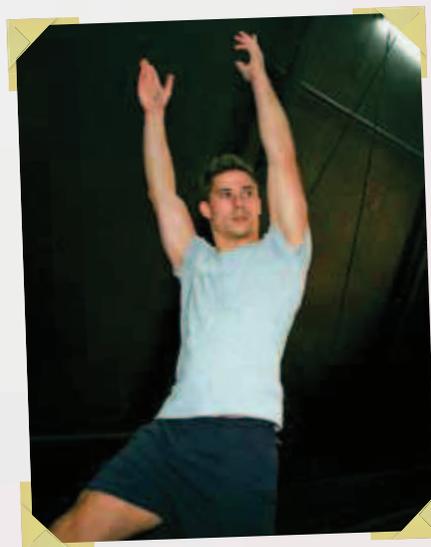
No penúltimo dia de aulas antes das férias de Natal, os miúdos estão animados e conversam alegremente na esplanada. Estão tão entretidos que parecem nem sentir a brisa fria e seca que passa levemente e me faz aconchegar a gola do casaco. De repente e sem qualquer aviso, começam a ouvir-se cânticos de Natal, alguns alunos trajados a rigor entram, divertidos, num espírito de brincadeira, e em meia dúzia de passos brincalhões, soltam sorrisos às crianças do Centro de Acolhimento e Animação para a Infância. Estamos todos juntos neste grande almoço, e eis que aparece a Teresa, com o megafone em punho, chamando todos a estar presentes, enquanto evoca a família, a partilha e a solidariedade – sem dúvida valores que associo ao Natal, mas que sinto cada vez a perderem-se mais. Trocam-se prendas, sorrisos, beijos e abraços: como é bom poder fazer parte de um projecto assim, somos sem dúvida uma grande família! São 17 horas e estou de saída da escola, despeço-me da Irene e da Sílvia com um “Até quinta-feira”, pois as aulas acabaram, mas ainda faltam as reuniões de avaliação. Saio depressa e desço em passo acelerado até ao metro do Rossio. Quem me dera poder ir já para casa descansar, mas no Ginásio dos Anjos esperam-me os meus ginastas. São 21 horas quando termina o meu dia de trabalho. O cansaço é tal que aqueço meia malga de sopa, como e vou-me logo deitar. A fadiga é muita, mas a satisfação também. Afinal, nem todos podem dizer que amam o que fazem.



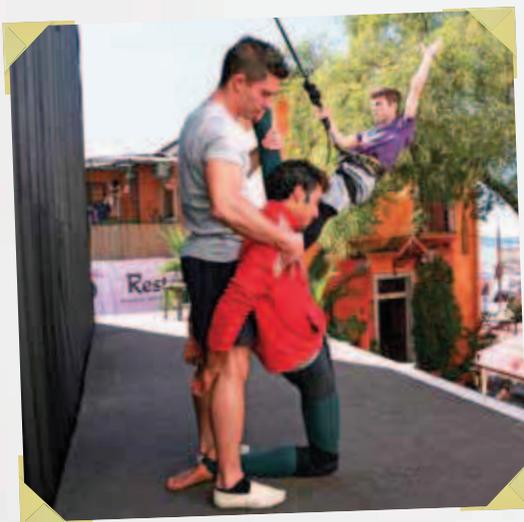
6 de Fevereiro de 2009

Está um frio de rachar

Subo apressadamente as Escadinhas de São Cristóvão em direcção à escola. Está um frio capaz de gelar todas as articulações se parar por um momento que seja. Faltam 15 minutos para a aula começar e entro no café da esquina para aquecer as mãos e aconchegar o estômago com um galão de máquina bem quente. São 10 horas certas e poucos alunos estão preparados para começar. É sempre a mesma coisa: ora um despertador que não toca, os transportes que se atrasaram ou até o “estou só a acabar de comer”. Em cinco minutos de conversa, enquanto esperamos, facilmente percebo que os que chegam a horas são, curiosamente, os que vêm de mais longe. Alegrementemente, iniciamos mais uma aula e, para os que chegam tarde, 30 flexões, 20 abdominais e 30 agachamentos. Afinal, esta é uma escola do corpo, e sem disciplina não é possível trabalhá-lo e treiná-lo, faça frio ou calor, esperando ser recompensado pela perícia e exímia precisão de cada movimento. Ajuda aqui, ajuda ali, braços no alinhamento do tronco, tens de realizar mais impulsão, sim! Saltar mais! A aula vai decorrendo rapidamente, quase sem tempo para respirar. Parece que o tempo nunca chega para tudo aquilo



que tínhamos planeado, e, mesmo sendo dois professores na aula, eu e o João não temos mãos a medir para que todos tenham a nossa ajuda, pois sentimos nos alunos grande motivação para conseguir chegar mais longe e essa é das melhores sensações que um professor pode ter.



27 de Maio de 2009

Do caos nasce o espectáculo

Hoje anda tudo algo agitado: deve-se ao rápido aproximar do grande dia da mostra técnica final do 1.º ano. Todos nós, professores, alunos e coordenações de ano e área, damos a maior atenção à preparação deste “corta e cose” de números técnicos que, ao longo do ano, foram desenvolvidos pelos alunos e que constituem as suas bases sólidas de sustentação enquanto *performers* e futuros intérpretes através das artes circenses.

Este processo de criação colectiva, como me tenho apercebido, passa por um momento de “caos momentâneo”, que cria dúvidas e obriga os alunos a questionarem o porquê da interpretação física. Apesar de muito orientados pelos professores, é uma experiência que têm pela primeira vez, e por isso cada minuto é vivido intensamente.

Rasgar o figurino, enquanto se faz o número do trapézio, ou bloquear o movimento na rotina de malabares com massas são situações que vão acontecendo. Um pouco “aluados” por esta nova dinâmica de trabalho, os alunos parecem perdidos nos espaços de ensaio ou então não se calam com toda a excitação. Estes e outros problemas, que vão surgindo aos poucos, são trabalhados com eles de forma a serem ultrapassados, à semelhança de situações que poderão ter de enfrentar mais tarde. Uma coisa é certa: no dia da apresentação nada deve falhar! Pensamento positivo e, como se costuma dizer, “*Make it work!*”.

19 de Julho de 2010

Estranha sensação

Hoje, o grupo 3 do 3.º ano apresentou o seu PAP (Projecto de Aptidão Profissional) que, embora tenha carácter individual, é apresentado em grupo. Foi, sem dúvida, um trabalho final que tocou o público, e eu não fui excepção. É estranha esta sensação e sentimento de término de uma etapa, em que me passam pela cabeça reflexões diversas sobre o que foi bom e o que poderia ter sido melhor. Nós, professores, que seguimos de perto a evolução destes “miúdos” – que o são quando nos chegam – e os acompanhamos no dia-a-dia, em muitos casos até mais do que as próprias famílias, estabelecemos uma relação muito próxima com cada um. É por isso que esta escola é diferente de todas as outras. Esta proximidade torna-nos mais vulneráveis e sensíveis, expostos a sentimentos de que geralmente estamos isentos numa escola regular. Por vezes, isto consome-nos e dá-nos





mais preocupações, problemas que levamos para casa e que não são apenas “trabalho” que fica na secretária para o dia seguinte.

Muitas vezes, tenho tanto receio pelos alunos quanto eles próprios, agora lançados no mundo do trabalho, em busca de uma oportunidade para fazerem a sua estrela brilhar mais alto.

27 de Setembro de 2010

Concretização de um sonho

O sol do Verão ainda não se foi embora e aquece a esplanada do Chapitô, onde mais uma vez se reúnem os alunos num reencontro caloroso.

A grande diferença é que este ano apenas se encontram os alunos dos 2.º e 3.º anos que, daí a momentos, irão perceber porquê.

Alguns minutos mais tarde, estamos já reunidos na biblioteca – local que à noite se enche de música e debates sobre os mais variados assuntos – que, a esta hora, é uma simples sala de aula.

Todos aguardam com expectativa a razão para tal encontro. Apenas nós, professores, mostramos uma aparente descontração, pois sabemos que o assunto a tratar corresponde a um grande sonho de Teresa Ricou: iniciar a abertura do ano lectivo num navio, mais precisamente no navio de treino de mar *Creoula*. Além de os alunos estarem num contexto completamente diferente, poderão ainda participar na construção de um *happening*,

com palco nesse mesmo navio, para mostrar aos alunos do 1.º ano as artes circenses que se aprendem na escola. Após muitas perguntas e explicações, professores e alunos comprometem-se a encarar este desafio com unhas e dentes, ou não fosse esta uma escola cheia de futuros artistas ansiosos por isso mesmo: desafios! ::



Sugestão de actividade

À semelhança do que foi realizado pela EPAOE, e que proporcionou aos alunos a experiência única de navegar a bordo do navio de treino de mar *Creoula*, sugerimos como actividade a permuta do espaço normal da sala de aula por um espaço diferente. Este poderá ser um jardim, um museu ou outro que permita aos alunos apreender de formas diversas esse mesmo espaço, com actividades que os estimulem nas várias artes.

Exemplos:

Local	Actividade	Metodologia
Jardim	Momento zen	<ul style="list-style-type: none"> – Grupos de quatro alunos formam um losango e realizam movimentos muito lentos comandados pelo aluno da frente. – De cada vez que rodam 90º passa a comandar o aluno que ficou à frente.
Museu	Desenho de figura	<ul style="list-style-type: none"> – Ao visualizarem a tela de um quadro ou uma escultura, dois ou três alunos assumem uma posição corporal inspirada na obra. – Outros alunos desenham essas mesmas figuras.
Local exterior ou interior	Passa a canção	<ul style="list-style-type: none"> – Os alunos distribuem-se por quatro ou cinco grupos com o mesmo número de elementos. – Cada grupo terá de cantar um excerto de uma canção, sendo seguido por outro grupo, sem interrupção. – A música nunca pode parar e não se podem repetir canções.